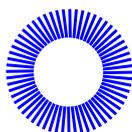


Museologia LGBTTTIQ+ na Ibero-América¹

Benjamín José Manuel
Martínez Castañeda

Facultad de Artes y Diseño, UNAM

México



Museologia e patrimônio

Convencionalmente, estabeleceu-se que a museologia é a ciência que estuda os museus em relação à realidade histórica e social de uma determinada época; sobre isso, Aurora León (2010: 96) menciona que a museologia não pode ser definida “como algo fechado em si mesmo, mas como uma autocrítica permanente, que, refletindo sobre seus próprios recursos, realidades e possibilidades, transforma e enriquece a realidade museal”. Em outras palavras, como a museologia é objeto da realidade histórica e social, ela precisa ser constantemente atualizada para o estudo dos objetos históricos, que chamaremos de patrimônio.

A esse respeito, Francesc Hernández (2011: 26) menciona que, embora o patrimônio esteja ligado aos bens materiais dos antepassados, hoje devemos entendê-lo como um conceito mais aberto, em que qualquer coisa pode ser patrimônio, desde que tenha um valor simbólico e aquisitivo. Num momento histórico como o que vivemos, “o patrimônio nos é apresentado como uma parte do passado que faz parte do nosso presente, e que pode ser valorizado de forma multifacetada, na medida em que é uma das manifestações do iceberg da história”; o que nos permite entender o patrimônio como um

conceito interdisciplinar no qual se cruzam outros marcos conceituais, como geografia, arte, ciência, história, técnica, esporte, economia e um longo etcétera. Nesse sentido, Hernández propõe o termo “patrimônios emergentes” no âmbito da democratização do acesso à cultura, em que o patrimônio, além de ser aberto e interdisciplinar, também deve ser imaginativo, no qual tudo pode ser patrimônio.

Ao declarar que o patrimônio é aberto e está em constante mudança, a museologia também passa por mudanças importantes ao reconhecer que o sujeito intervém sobre ele, transformando-o numa parte visível e viva da história; isso foi chamado de “museologia crítica”, definida como uma operação em qualquer tipo de espaço e patrimônio, com o objetivo de projetar outros tipos de ambientes para a socialização do conhecimento por meio de um diálogo desmistificador para a criação de outros discursos sociais (Santacana e Hernández, 2006: 19). Em outras palavras, a museologia crítica promove a criação de saberes e emoções por meio de qualquer coisa como patrimônio no âmbito da democratização do acesso à cultura.

Metodologias e museologia na chave LGBTTTIQ+

Nesse sentido, se já existem metodologias e padrões para catalogar o patrimônio de forma hierárquica, resultando num patrimônio militar ou escolar, como falar de patrimônio em chave LGBTTTIQ+? Para isso, é necessário distorcer as metodologias de estudo e catalogação, ou ainda, deslocar os olhares que observam, enquadram e capturam os objetos. Propomos aqui metodologias e olhares na chave

¹ Esta é a primeira versão do ensaio lido em 28 de setembro de 2022 no Museo Nacional de Historia, na Cidade do México, como parte do 10.º Encontro Ibero-Americano de Museus. Há uma segunda versão, mais longa, intitulada «Museologías cuir en América Latina», publicada nos anais das XI Jornadas de Sociología de la UNLP: Sociologías de las emergencias en un mundo incierto. Disponível em: <http://jornadasceyn.fahce.unlp.edu.ar/jornadassociologia/xi-jornadas/actas/ponencia-220705004143942599>



LGBTTTIQ+, que “desafiam a ordem social normativa de identidades e subjetividades ao longo do binarismo heterossexual/homossexual, bem como o privilégio da heterossexualidade como ‘natural’ e a homossexualidade como seu ‘outro’ desviante e abominável” (Browne e Nash, 2010: 5). Essas metodologias devem ter o compromisso de informar sobre aqueles que foram excluídos dos discursos históricos.

Agora, se os instrumentos culturais forem considerados como textos, será necessário pensar em como construir um patrimônio sexual LGBTTTIQ+. Assim, os banheiros dos hospitais ou das escolas se tornam o local de encontros sociais e eróticos, *glory holes* que nos dizem que esse é o lugar especial; é o cartaz da marcha separatista lésbica, que nos lembra que a violência e as desigualdades também são vivenciadas na comunidade LGBT; é o espartilho da Draga, que noite após noite modela e transforma seu corpo para a construção de um corpo novo; é a seringa com a qual uma menina trans foi injetada com óleo nos anos 80, o que nos mostra os avanços da cirurgia plástica, bem como os direitos conquistados no campo da saúde; é o *chest binder* que nos permite entender as subjetividades em transição.

Conforme mencionado acima, a museologia crítica trabalha com uma noção de patrimônio como algo mais aberto e efêmero, mas que é normalizado pelos espaços arquitetônicos que o abrigam e que são os meios para as narrativas oficiais. Nesse sentido, uma museologia LGBTTTIQ+ envolve o estudo do patrimônio no contexto da formação de alteridades, bem como de signos-testemunhos que se tornam textos das histórias de vida das dissidências sexuais. É necessário entender essa museologia além da sexualidade e vê-la como um processo de democratização da cultura, bem como um desafio cultural e ético em busca da defesa e da representação de quem constitui o museu e suas exposições.

Alguns exemplos de museologias LGBTTTIQ+ na Ibero-América

Com o exposto acima, é importante nos fazermos as seguintes perguntas: onde e quando esse museu/exposição foi/é realizado? A quem o museu/exposição se destina? Como esse museu/exposição torna os contextos visíveis e invisíveis? E, que tipos de coisas esse museu/exposição possibilita? (Doyle, 2006). Assim, busque abordar uma questão maior: qual é a história que a comunidade LGBTTTIQ+ merece?

O Museu Travesti del Perú (MTP)

O MTP teve origem em 2004 como um empreendimento artístico da *drag queen* e do filósofo Giuseppe Campuzano (1969-2013). Seu objetivo é gerar uma releitura da história sexual e colonial do Peru por meio de diferentes mídias (*performance*, dança, arquivo, conferências e publicações). Essa proposta reage ao museu como um espaço totalizante, primeiro porque não tem arquitetura e é um museu itinerante; segundo, em seu interior não há obras de arte, mas produções culturais; terceiro, nele não há curadores, mas comunidades de travestis reconstruindo sua própria história. Na museologia do MTP, a voz e a memória das travestis corroem todos os discursos hegemônicos para recuperar a história que lhes foi tirada e com a qual foram estigmatizadas (Campuzano *et al.*, 2015).

Museo Q

O Museo Q² é um museu “anormal” sem paredes, mas localizado na Colômbia, com a missão de recuperar e socializar histórias e memórias LGBTTTIQ+ em relação à narrativa nacional colombiana. Por não ter uma arquitetura, ele ativa espaços físicos e virtuais, razão pela qual se autodenomina um museu em trânsito,

2 <https://museoq.org/>



que enriquece a abordagem museológica por meio de cartografias colaborativas e exercícios curatoriais pedagógicos, nos quais intervêm três conceitos orientadores: espaço, arquivo e corpo. Em primeiro lugar, o espaço é considerado um agente sensível, transformador e experimental; em segundo lugar, o arquivo não é visto como uma relíquia guardada, mas como uma memória viva; e, por fim, o corpo é entendido como uma rede de afetos que permite a experiência e a vivência do arquivo e a transformação do espaço.

Museo Di

O Museo Di³ é um museu que se encontra no Instagram com o objetivo de intervir neste aplicativo a partir do diverso, dissidente e diferente para reconstruir, narrar e tornar visíveis as histórias e memórias da comunidade LGBTTTTIQ+ no Chile. Seu slogan “Vamos tirar a história do armário juntxs” nos convida a aproximar o patrimônio à ótica *queer* para dialogar entre o discurso patriarcal e a história LGBTTTTIQ+ por meio de efemérides, objetos, cartazes, fotografias, vídeos, etc. Atualmente, o Museo Di é ativado pela participação de seus seguidores, que são convidados a compartilhar seus arquivos pessoais e experiências de vida, o que pode ser considerado uma metodologia participativa para a reconstrução do patrimônio histórico, cultural e sexual do Chile.

Museu da Diversidade Sexual (MDS)

O Museu da Diversidade Sexual foi criado em 2012 em São Paulo, Brasil, e está localizado na estação de metrô República, uma área importante para as pessoas LGBT e sua vida social desde a década de 1990. Esse espaço é administrado por membros dessa comunidade, de modo que artistas, escritores, ativistas e acadêmicos participam de todo o ciclo funcional do museu. Além das reações positivas da comunidade LGBT e dos usuários do metrô,

encontrou-se uma área de oportunidade nas reações negativas, usando as paredes externas e as vitrines do museu para se comunicar da melhor forma com o público; assim, além de ser uma aposta museológica, o MDS também é uma aposta educacional em busca dos direitos humanos. Vale mencionar que o museu foi fechado em 29 de abril de 2022 devido a acusações de grupos conservadores de pedofilia e zoofilia, bem como a uma decisão judicial que rescindiu o contrato entre o Ministério da Cultura e a Companhia do Metrô; apesar do panorama sombrio, o museu reabriu suas portas em 2 de setembro de 2022 (Reinaudo, 2020).

Museari

Museari⁴ é uma proposta *on-line* do casal formado por Germán Navarro e Ricard Huerta, e seu principal objetivo é a defesa dos direitos humanos e da vida digna. Desde sua inauguração, em 2015, vem buscando estratégias expositivas e educativas para salvaguardar o patrimônio da diversidade sexual e do coletivo LGBTIQ+. Os artistas abrigados no museu apresentam projetos que abordam a gordofobia, o *bullying*, a transfobia, bem como o amor, o cuidado e a ternura radical. O Museari é um compromisso com um museu imaginário dentro do universo digital (Navarro, 2022. Ver pp. 45-128).

Museo Digital de la Insurrección Sexual (MUDIS)

O MUDIS⁵ é o projeto mais recente que venho desenvolvendo dentro do Seminário de Criação, Design e Gestão de Exposições “Patricia Real Fierros”, que busca divulgar projetos de estudantes de arte e design que abordam questões de gênero, corpo, dissidência e diversidade sexual. O MUDIS é uma proposta para gerar uma pedagogia curatorial e uma curadoria pedagógica do coletivo LGBTTTTIQ+; a primeira, estimulando a

3 <https://www.instagram.com/museo.di/>

4 <https://www.museari.com/>

5 <https://www.mudisart.com.mx>



exploração de formas de apresentação e catalogação de trabalhos a partir de metodologias *queer*, e a segunda, propondo dinâmicas de trabalho e participação com estudantes para a socialização de seus projetos. Assim, o MUDIS pretende ser uma plataforma digital para a divulgação de artistas e designers em formação, que contribuem para a memória e a cultura visual da dissidência sexual.

Reflexões finais

Por fim, é preciso mencionar que o objetivo não é *elegerbetizar* os museus, mas estabelecer relações, metodologias e dinâmicas para a defesa e a representação de públicos e discursos nos espaços de exposição e em suas coleções. Devemos observar que os museus estão a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento; se levarmos isso em conta, poderemos projetar processos museológicos para a emancipação e a resistência, bem como para a reconstrução e o arquivo do patrimônio sexual e cultural LGBTTTIQ+ dos países ibero-americanos. Se isso não for considerado nas agendas políticas, nossa tarefa será deslocalizar e hackear o museu para a dignificação de nossos afetos, emoções, saberes e experiências, para entendê-los como arquivos vivos para a transformação social em torno da diversidade sexual.



Fontes de referência

Browne, K. e Nash, C. (2010). Queer Methods and Methodologies: An Introduction. Em K. Browne, e C. Nash (eds.), *Queer Methods and Methodologies. Intersecting Queer Theories and Social Science Research*, pp. 1-23. Nova York: Routledge.

Campuzano, G.; Lorenzo, K. e Rodríguez, A. (2015). Museo Travesti del Perú. *Nerter*, 25-26: 43-53.

Doyle, J. (2006). Queer Wallpaper. Em A. Jones (ed.), *A Companion to Contemporary Art since 1945*, pp. 343-355. Oxford: Blackwell Publishing.

Hernández, F. (2011). Museografía didáctica. Em J. Santacana e N. Serrat (coords.), *Museografía didáctica*, pp. 23-61. Barcelona: Ariel.

León, A. (2010). *El museo. Teoría, praxis y utopía*. 8.ª ed. Madrid: Cátedra.

Navarro, G. (2022). *Alfabetos e investigación basada en las Artes. La obra de Ricard Huerta en Museari*. [Tese para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais e Jurídicas, Universidad Miguel Hernández de Elche]. Repositório RediUMH. <https://hdl.handle.net/11000/28998>

Reinaudo, F. (2020). A Strange Queer Body: The Museum of Sexual Diversity in São Paulo, Brazil. *Museum International*, 72 (3-4): 16-27. <https://doi.org/10.1080/13500775.2020.1873490>

Santacana, J. e Hernández, F. (2006). *Museología crítica*. Gijón: Trea.